

MEMÓRIA E TRABALHO DE MULHERES QUILOMBOLAS: LUTA PELA TERRA E DEFESA DO MODO DE VIDA NO QUILOMBO DE THIAGOS – BAHIA¹

Priscila Silva de Figueiredo²
Rita Radl-Philipp³

Resumo

O presente trabalho - fruto de uma tese de doutorado - visa analisar a relação entre memória e trabalho de mulheres da comunidade Quilombo de Thiagos, situada no município de Ribeirão do Largo, Bahia. A partir de uma pesquisa teórica, empírica e qualitativa foram feitas observações-participantes e entrevistas. A relação entre memória e trabalho das mulheres quilombolas entrevistadas evidencia que a atuação das mulheres está intrinsecamente relacionada à luta pela terra e defesa do modo de vida na comunidade.

Palavra-chave: gênero; comunidades rurais; divisão sexual do trabalho.

MEMORIA Y TRABAJO DE LAS MUJERES QUILOMBOLAS: LUCHA POR LA TIERRA Y DEFENSA DEL MODO DE VIDA EN EL QUILOMBO DE THIAGOS – BAHIA

Resumen

Este trabajo, resultado de una tesis doctoral, tiene como objetivo analizar la relación entre memoria y trabajo de las mujeres de la comunidad Quilombo de Thiagos, ubicada en el municipio de Ribeirão do Largo, Bahia. A partir de una investigación teórica, empírica y cualitativa, se realizaron observaciones participantes y entrevistas. La relación entre memoria y trabajo de las mujeres quilombolas entrevistadas muestra que las acciones de las mujeres están intrínsecamente relacionadas con la lucha por la tierra y la defensa de su modo de vida en la comunidad.

Palabra clave: género; comunidades rurales; división sexual del trabajo.

MEMORY AND WORK OF QUILOMBO WOMEN: FIGHT FOR LAND AND DEFENSE THE WAY OF LIFE IN QUILOMBO DE THIAGOS – BAHIA

Abstract

This research, with results of a doctoral thesis, aims to analyze the relationship between memory and work of women from the Quilombo de Thiagos community, located in the municipality of Ribeirão do Largo, Bahia. Based on a theoretical, empirical and qualitative research, participant observations and interviews were carried out. The relationship between memory and work of the interviewed quilombola women shows that women's actions are intrinsically related to the struggle for land and the defense of the community's way of life.

Keyword: gender; rural communities; sexual division of labour.

¹Artigo recebido em 16/01/2024. Primeira Avaliação em 18/06/2024. Segunda Avaliação em 20/06/2024. Aprovado em 15/07/2024. Publicado em 07/08/2024.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.61431>.

²Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bahia - Brasil. Professora do Departamento de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: priscila.figueiredo@uesb.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7563637447326320>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6823-081X>.

³Doutora em Filosofia y Ciencias de la Educación pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha. Professora Catedrática do Departamento de Ciência Política e Sociologia da Universidade de Santiago de Compostela (USC). Email: ritam.radl@usc.es.

Lattes: ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9393-7753>.

Introdução

A existência das comunidades quilombolas no Brasil evidencia um projeto possível de partilha, de viver em comunidade, da concepção do território como coletivo e respeitoso com a terra e a natureza, que se contrapõe ao modo de vida e produção capitalista (Dealdina, 2020). E as mulheres, nestes contextos, exercem um papel fundamental, pois elas transmitem oralmente, de forma predominante, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos para a juventude, sendo as guardiãs da pluralidade de conhecimentos presentes nos territórios⁴ quilombolas (Silva, 2020). Além disso, a organização das comunidades quilombolas em prol do seu direito aos territórios ancestrais evidencia a luta pela demarcação de terras, mas, sobretudo, pelo seu direito a um modo de vida (Silva, 2014), que dentre outras coisas, envolve a forma como se relacionam com a natureza em prol das suas necessidades, ou seja, remete a compreensão sobre o trabalho nos quilombos.

O trabalho é, assim, compreendido como a transformação sobre a natureza, em função das necessidades humanas, em um processo em que ao transformar o seu entorno, essa natureza, o ser humano transforma-se a si mesmo (Marx, 2017). Marx (2017, p. 120) evidencia o caráter ontológico do trabalho ao concebê-lo como “condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais”. Ainda que esta forma de conceptualização totalizadora do trabalho marxista seja questionada por muitos autores no século XX, particularmente por parte da tradição teórica neomarxista frankfurtiana (Adorno, 1969; Habermas, 1975; etc.), mas também de outros autores como Althusser (1968), Sève (1975) etc., no nosso contexto entendemos que ainda pode ter valor explicativo pelas características intrínsecas ao modo de vida das comunidades tradicionais.

Para Habermas⁵, essa “*conceptualização totalizadora de Marx*” do trabalho que envolve toda existência do sujeito enquanto as ações humanas, não corresponde à realidade das ações do sujeito humano que não simplesmente se

⁴ O território em uma acepção hegemônica se expressa como uma extensão superficial da terra, um recurso funcional que responde às demandas emergentes do modo de produção capitalista e, dessa forma, fortalece as desigualdades sociais e a destruição natural (Santos, Ferreira, Moreira, 2024). Nesse sentido, concebemos o território numa perspectiva contra-hegemônica que compreende a luta e o pertencimento dos diferentes grupos culturais com o território, assumindo seu papel central como lugar de vivências, vínculos e afetividade (SANTOS, FERREIRA, MOREIRA, 2024).

⁵ Habermas (APUD RADL-PHILIPP, 1991) diferencia especialmente duas esferas e formas de ações fundamentais, a esfera do trabalho e a esfera social, e assim ações instrumentais estratégicas que seguem uma racionalidade com respeito afins, e ações interativas-comunicativas cujo fim reside nos mesmos sujeitos, em sua autorrealização e não em uma intervenção exterior ou da natureza.

realiza através do trabalho, ou seja, “[...] Marx concebe a sociedade capitalista em um sentido demasiado totalitário, já que ‘desconhece totalmente o valor próprio dos subsistemas mediados’ ” (Radl-Philipp, 1996, p. 47)⁶. De forma mais precisa diz Habermas,

Em suas análises de conteúdo Marx entende a história da espécie segundo categorias do trabalho material e da eliminação crítica de ideologias do atuar instrumental e a prática transformadora do trabalho e a reflexão de forma conjunta; mas Marx interpreta, o que faz, no marco mais limitado do conceito de uma auto constituição da espécie simplesmente através do trabalho (HABERMAS, 1975, p. 59)⁷.

Em conclusão, Marx desconhecia e não considerava, a importância do âmbito da interação para a realização e o desenvolvimento das ações dos sujeitos seguindo ao autor referido⁸. Nem todas as ações são de trabalho da natureza, inclusive em comunidades tradicionais com formas de produção não capitalista, pois existem esferas simbólicas diferenciáveis onde o objeto primordial das relações e ações humanas não é simplesmente o trabalho da natureza (Radl-Philipp, 1991) no sentido estrito, senão onde o significado reside nos mesmos sujeitos; o objetivo é a comunicação e interação entre sujeitos em si.

Ao não existir ainda uma separação estrita dos âmbitos de vida de atividades de reprodução e produção, ou seja, também do trabalho doméstico e extradoméstico de produção e da vida comunitária, por serem as ações na comunidade desenvolvidas preeminentemente em relação ao processo de trabalho, e, nesse sentido entendível como em transformação da natureza, importância da terra etc., apesar de que hoje inclusive na comunidade quilombola pesquisada não acontece isso de forma exclusiva, acreditamos que ainda exista uma estrutura social que pode ser conceitualizada em modo união de totalidade de vida do trabalho e de vida social, da esfera de produção e reprodução, ao menos tendencialmente. Portanto, enlaçamos com este conceito marxista de trabalho no sentido onipresente que envolve toda a vida da pessoa como uma categoria-chave para compreensão do modo de vida quilombola.

⁶ A tradução do original do espanhol é nossa.

⁷ A tradução do original em alemão é nossa.

⁸ Sobre a carência nas análises de Marx da consideração dos processos psicossociais de construção do sujeito e, portanto, dos problemas epistêmicos da sua teoria ao respeito, importante para uma visão teórica e pesquisa que analisa questões vinculadas às relações de gênero, veja Sève (1975).

Ademais, é possível estabelecer uma relação entre trabalho e memória, na medida em que a memória possibilita a reprodução social. Como afirmam Santos e Santos (2023, p. 333), a memória também pode ser compreendida como uma categoria ontológica do ser social, pois “[...] em condições normais, não existe ser social sem memória e, assim sendo, ela traz consigo o ineliminável caráter histórico mutável com todas as suas determinadas e contradições”. Em outra via, como destaca Medeiros (2015, p. 62), “Não se pode conceber a memória sem o trabalho”.

Assume-se, a memória coletiva como uma estrutura derivada de um grupo social, que funciona e está relacionada ao contexto social e cultural de uma coletividade e mesmo a memória individual (Halbwachs, 2006). Cabe destacar, por conseguinte, a memória como algo construído socialmente que está atrelada às relações de poder, constituindo-se também como objeto de disputa nos conflitos sociais (Pollak, 1989). Ademais, esse processo de construção envolve o movimento de lembrar e também esquecer (Ribeiro, Radl-Philipp). Assim sendo, não se pode considerar a memória como um objeto autônomo, que se sobrepõem aos grupos e conflitos sociais, uma vez que ela não pode ser apresentada como autônoma em relação aos indivíduos (Ribeiro, Radl-Philipp, 2017) e suas relações com os demais. Em suma,

[...] a memória como construto social reflexivo não é uma simples reprodução de uma memória unilateralmente determinada pelo coletivo ou pela estrutura social. Nossa visão teórica interacionista define assim a memória um construto social, mas como algo construído intersubjetivamente pelos sujeitos. [...] Essa asseveração é válida tanto para a memória entendida como fato coletivo como na noção de fato individual (RADL-PHILIPP; MARTINEZ-RADL, 2018, p. 44).

Reconhecemos, ainda, que a memória coletiva é uma dimensão que fundamenta o processo de reivindicação territorial quilombola e fortalece os esforços para a manutenção de um modo de viver comunitário que foge da lógica individualista capitalista. Desse modo, entendemos que, compreender a memória coletiva quilombola e o trabalho nos quilombos perpassa entender o papel das mulheres neste contexto, pois as mulheres quilombolas atuam como “[...] acervos da memória coletiva; com elas estão registradas as estratégias de luta e resistências nos quilombos, os conhecimentos guardados e repassados de geração em geração”

(Silva, 2020, p. 54). Nesse contexto, as mulheres são, indubitavelmente, sujeitos ativos desse processo.

O presente artigo concebe, desta forma, a memória, no sentido amplo da palavra, e o trabalho como categorias-chaves para a análise, reconstrução e compreensão do modo de vida dos quilombos, em especial, do ponto de vista das mulheres quilombolas. O artigo busca analisar, então, a relação entre memória e trabalho de mulheres da comunidade “Quilombo de Thiagos”, situada no município de Ribeirão do Largo, Bahia. A pesquisa é relevante para compreender de que maneira a memória sobre o trabalho permite vislumbrar os desafios, em especial do ponto de vista feminino, frente ao avanço da produção capitalista que tende a esfumar as formas de existências resistentes a ele.

A pesquisa foi estruturada adotando-se uma análise crítica a partir de uma pesquisa teórica, empírica e qualitativa. A análise crítica segue a concepção epistemológica crítica dos *women's studies*, dos estudos das mulheres, feministas e de gênero, que busca a transformação da situação social das mulheres no sentido prático político (Radl-Philipp, 2008). Esta visão epistêmica defende um interesse axiológico crítico que contrapõe a neutralidade do conhecimento científico. Isso é,

[...] uma abordagem epistemológica que representa uma base metodológica para as investigações teórico-empíricas sobre mulheres e relações intergênero, não pode necessariamente permanecer em uma mera aplicação dos princípios científicos modernos existentes. (RADL-PHILIPP, 2008, p. 18).

Tal concepção está inter-relacionada com o ponto central da visão epistêmica marxista e neomarxista, anteriormente explicada, no sentido de fornecer uma concepção crítico- ideológica da sociedade que contrasta e efetua uma crítica do conhecimento científico moderno e sua aparente neutralidade axiológica (Radl-Philipp, 1996). Assim sendo, a nossa concepção de teoria crítica busca mediante a pesquisa uma transformação da mesma prática social (em suas diversas dimensões) com o conhecimento das mulheres na comunidade *Quilombo de Thiagos* pesquisada, na linha do pensamento da tradição epistemológica social neomarxista da escola hermenêutico-crítica frankfurtiana, também mencionada anteriormente.

A parte empírica se caracteriza por dados coletados em campo, no momento em que a ação ou fenômeno a ser estudado está ocorrendo, segundo Burke

Johnson e Larry Christensen (2019). O método utilizado, por sua vez, é o qualitativo, pois a pesquisa visa explorar e entender algum fenômeno experimentado por indivíduos em um local específico, objetivo característico deste proceder (Johnson; Christensen 2019). Assim, a pesquisa opera em profundidade em um número limitado de casos com significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes etc., correspondendo a um espaço determinado de relações (Johnson; Chistensen, 2019).

A pesquisa foi realizada na comunidade denominada “Quilombo de Thiagos”, que obteve seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares, conforme portaria de 19 de novembro de 2009 do Diário Oficial da União, número de registro: 01420.002507/2009-66. Além disso, o reconhecimento foi atualizado em relatório de certidões expedidas às comunidades, na portaria publicada no Diário Oficial da União de 20 de janeiro de 2022 (Brasil, 2022).

A comunidade “Quilombo de Thiagos” possui 95 hectares, já existe há mais de 100 anos e está localizada na zona rural do município de Ribeirão do Largo – Bahia, Brasil. A comunidade em questão, inicialmente chamada Boa Nova, passou a ser conhecida com o tempo, como “os Thiagos”, porque foram Tiago Silva Lima e sua esposa Ermelina Modesto da Silva que fundaram a comunidade formada principalmente por sua descendência. Atualmente, a comunidade conta com 48 casas, onde vivem famílias formadas principalmente a partir de descendentes de Ermelina e Tiago, e conta com uma população de 137 pessoas, segundo informações passadas pelo presidente da Associação que fez o recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. Foi possível verificar que a comunidade está envolvida no plantio de feijão, mandioca, frutas, dentre outras atividades e o local ainda conta com uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental que atende as crianças da comunidade.

O trabalho de campo foi realizado através da visitação na localidade onde está situado o Quilombo de Thiagos, ao longo de 2 anos e dois meses, contabilizando sete visitas. Em duas delas, foram realizadas estadias mais contínuas dentro da comunidade, a primeira de 03 a 10 de setembro de 2022 e outra entre 02 e 05 de setembro de 2023, no qual foram feitas observações-participantes, entrevistas e análise de documentos fornecidos pela comunidade e que auxiliaram na elucidação sobre o processo de formação da comunidade, tal como os vinculados

à reivindicação da certificação da comunidade e modos de vida vinculados ao trabalho.

Os procedimentos envolveram, assim, análise de documentos, as observações-participantes e entrevistas semiestruturadas com 17 mulheres da comunidade, com idade acima de 18 anos, com o suporte de roteiro de entrevistas, caderno de campo e smartphone para gravação de áudio.

A observação-participante busca a investigação do fenômeno, compartilhando-se a vivência, participando de hábitos e costumes do grupo estudado (Angrosino, 2009). Já as entrevistas semiestruturadas se baseiam em um roteiro em que a entrevistadora tem a liberdade de fazer outras perguntas, no intuito de precisar conceitos ou obter mais informações sobre os temas desejados (Sampieri, Collado, Lucio, 2013).

As entrevistas ocorreram por meio da visita da pesquisadora (primeira autora) nas casas. Já no que tange às observações-participantes, elas foram feitas durante a participação de diversas atividades de cunho cultural, social e religioso, como reunião de oração da Igreja Católica, participação no bingo beneficente, ensaio do samba de roda, na observação de atividades na escola, observação do manejo dos cultivos, produção de cachaça, torra de café etc.⁹

Salientamos, ainda, que o artigo encontra-se dividido em três pontos: 1- Contextualização da comunidade “Quilombo de Thiagos”; 2 - Memória e trabalho das mulheres na comunidade, e; 3 - Memória e atuações das mulheres quilombolas.

No primeiro apartado, apresentamos uma breve contextualização conceitual sobre os quilombos no Brasil e sobre a referida comunidade, para então debater os dados empíricos sobre o trabalho das mulheres no Quilombo de Thiagos no segundo apartado, seguindo a linha de memória coletiva. No ponto três, nos debruçamos de forma mais específica sobre a atuação social, política e cultural das mulheres no Quilombo de Thiagos, buscando determinar o papel delas da ótica da memória coletiva da comunidade.

⁹ Destacamos que o presente trabalho é fruto das atividades de pesquisa da tese intitulada “Mulheres e as Plantas Medicinais: Memória e Etnobotânica na Comunidade ‘Quilombo de Thiagos’ de Ribeirão do Largo – Bahia”, defendida em março de 2024, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Gostaríamos de ressaltar, também, que o projeto da tese foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da UESB, tendo sua aprovação segundo parecer do relator, número 5.176.457 de 2021.

Contextualização da comunidade “Quilombo de Thiagos”

As comunidades quilombolas são formadas por indivíduos fortemente marcados pela ancestralidade africana e, frequentemente, ancestralidade indígena, que possuem características culturais e sociais próprias e estão presentes em todo o território brasileiro, desde o início da invasão europeia no nosso território e imposição do sistema escravista. Aqui assumimos o entendimento - apresentado na Coleção Terras de Quilombo (Costa, 2015) - de que as comunidades quilombolas são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias, que expressam resistência a diferentes formas de dominação. Cabe destacar que as comunidades quilombolas podem ser rurais e urbanas, além de toda a diversidade e diferenças existentes entre elas por ocuparem, dentre outros motivos, diferentes espaços do território brasileiro e serem formadas por diferentes matrizes culturais (Oliveira, D'abadia, 2015).

No Brasil, os estudos e trabalhos sobre as comunidades quilombolas adquirem força maior a partir dos movimentos de intelectuais pela questão negra, principalmente, a partir da década de 1970 (Oliveira, D'abadia, 2015). Nesse âmbito, destacamos a produção e militância de intelectuais como a historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995), a antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) e o escritor Abdias do Nascimento (1914-2011). Nas últimas décadas surgem, então, diversos trabalhos, em diferentes áreas, provocando uma significação muito ampla, na literatura especializada, sobre os quilombos.

O período atual assinala o enorme desafio pela garantia dos territórios ocupados há séculos e, cujas populações estão no caminho do desenvolvimento do sistema de produção capitalista (Braz, 2021). A Bahia, neste contexto, é o estado brasileiro com a maior população quilombola - 397.059 pessoas se reconhecem como quilombolas - segundo o Censo de 2022 (Brasil, 2023). Além disso, possui o segundo maior percentual populacional, sendo que 2,81% da população baiana se reconhece como quilombola (Brasil, 2023). É também o segundo estado com maior número de comunidades reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, atualmente sendo 829 (Brasil, 2022).

Dentre as comunidades quilombolas baianas temos a anteriormente citada, denominada “Quilombo de Thiagos”, localizado na zona rural do município de Ribeirão do Largo - Bahia, situado a 13 km do centro da cidade e onde vivem

diversas famílias que possuem entre si laços de consanguinidade, ancestralidade e compartilhamento de conhecimentos e de práticas socioculturais.

Segundo documentos fornecidos pela comunidade quilombola, foi possível averiguar que Tiago Silva Lima viveu entre 1885 e 1957 e Ermelina Modesto da Silva viveu entre 1890 e 1982. Tiago era filho de Henrique da Silva Lima que havia sido escravizado e sua mãe, Marcelina Maria de Jesus, era indígena Pataxó. Dados importantes para entender a matriz étnico-racial desta comunidade que inicia a partir da compra daquelas terras por parte de Tiago e Ermelina. Estas informações, contidas em documentos, também foram validadas por meio da fala de algumas das mulheres entrevistadas. Segundo Valéria dos Santos (2020), existe uma falsa ideia de que os quilombos referem-se a negros apartados da sociedade ou escravizados refugiados. No entanto, a característica marcante do quilombo não é o isolamento e a fuga, mas a resistência e a autonomia (Santos, 2020) e um modo de vida (Oliveira, D'Abadia, 2015).

Carlídia Almeida (2020) salienta que dinâmicas diversas para além das estratégias de fuga, estiveram na base da constituição das comunidades quilombolas, tais como a ocupação de terras livres, o recebimento de heranças e doações, a aquisição de terras pela compra ou como pagamento pela prestação de serviços, entre outros. Destarte, cada quilombo é diferente do outro e não existe a necessidade de fixar categorias estáticas (Almeida, 2020).

A compreensão e auto-identificação do Quilombo de Thiagos como comunidade quilombola esteve fortemente presente nas últimas duas décadas, principalmente a partir do momento em que a associação comunitária se organizou para reivindicar sua certificação pela Fundação Cultural Palmares. Esse movimento causou repercussões na comunidade, em suas atividades sociais, culturais e no campo do trabalho, pois a luta coletiva estimulou a coesão do grupo, e a coesão do grupo organizou a luta. Este processo culminou na obtenção da certificação em 2009 e marcou o início da luta pela titulação coletiva das suas terras.

A comunidade possui o título das terras que foi repartido entre a descendência de Ermelina e Tiago, mas a associação reivindica a regulamentação fundiária para obtenção da titulação coletiva. Uma das dificuldades destacadas por uma das mulheres entrevistadas se refere ao fato do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ainda não ter executado a regulamentação fundiária coletiva do território. Segundo ela, “existem várias comunidades que são

reconhecidas pela Fundação Palmares, mas não têm a declaração do INCRA”. Para ela, a falta desse título representa uma ameaça à comunidade, pois possibilita que pessoas externas comprem terra ali dentro. Segundo ela, isso já aconteceu no passado e ações de uma destas pessoas (sem vínculos com a família e com a comunidade) provocaram grandes impactos ambientais em uma das fontes de água presentes no quilombo. E a comunidade tem buscado ajuda de órgãos para solucionar o problema que prejudica não apenas as pessoas que vivem ali, como toda a biodiversidade presente naquele território que ainda possui uma área de mata preservada.

A luta pela certificação como comunidade quilombola e pela regulamentação coletiva da terra aparece como uma demanda do grupo por este compreender que este processo fortalece a luta pela materialização dos direitos da comunidade, e para tanto, a luta coletiva ecoa na valorização cultural e na preservação da memória coletiva do quilombo em uma relação indissociável. Desse modo, a memória coletiva da comunidade é inerente aos processos reivindicatórios e a luta organiza a coletividade e mantém viva a memória coletiva.

Destacamos, ainda, que antes de Lula assumir a presidência em 2023, nos últimos sete anos o Brasil esteve governado por representantes totalmente descompromissados com a promoção de políticas públicas direcionadas a essas populações. Além disso, como afirma Dealdina (2020), ainda que a legislação atual seja favorável ao reconhecimento dos direitos territoriais quilombolas, é evidente o seu descumprimento. Ainda segundo Dealdina (2020, p. 29),

A boa vontade política não existe e o racismo estrutural, que se ramifica nas instituições públicas, formatando o Estado e a sociedade brasileira, faz com que o exercício do direito seja vivido enquanto conflito imediato.

Os conflitos se configuram, neste contexto, por uma disputa de interesses sobre os territórios, marcada pela violência, com mortes, ameaças, afastamento das lideranças dos quilombos, restrições de direitos, entre outras consequências (Dealdina, 2020).

Oliveira e D'Abadia (2015) destacam que as comunidades quilombolas de ambientes rurais vivenciam dificuldades relacionadas à manutenção de seu território, principalmente aquelas que não possuem a titulação da terra, haja vista que grande parte dessas comunidades já teve perda brusca de hectares via procedimentos

ilegais [grilagem de terras], avanço de obras urbanas sem respeito às suas áreas territoriais e prática de racismo ambiental. Uma das entrevistadas relatou que mesmo que a comunidade sempre tenha possuído a documentação sobre a propriedade das terras, as marcações foram modificadas por fazendeiros no passado e o território do quilombo foi bastante diminuído, principalmente na parte de mata.

Uma importante vitória atual foi, por outro lado, a aprovação do projeto da comunidade ao edital do Bahia Produtiva para Comunidades Quilombolas, do Governo do Estado da Bahia no ano de 2018 (Bahia, 2018). Segundo uma das entrevistadas, “Nunca tinha saído edital específico em que comunidades quilombolas concorressem só entre comunidades quilombolas” - o que representa para ela um grande avanço porque a comunidade era impedida de concorrer a editais anteriores, pois não se adequava ao perfil solicitado. Através do referido edital, a comunidade tem tido acesso a assistência técnica para a produção agroecológica de alimentos – com foco na produção de hortaliças. Sobre a preocupação com a produção agroecológica, umas das entrevistadas relata que

Sim. Uma das preocupações nossa, é essa, né? Que todo mundo que produz, já planta hortaliças e tudo, né? É tudo já sem veneno, né? É uma das questões que a gente tem muito... Graças a Deus, dentro da comunidade não temos problemas com veneno.

Nesse sentido, cabe destacar que embora não seja uma prática nomeada necessariamente em comunidades tradicionais, “a agroecologia é uma ciência que valoriza o conhecimento agrícola tradicional, desprezado pela agricultura moderna” (Almeida, 2020, p. 134). Santos (2020) aponta, na mesma linha, que o saber tradicional traduzido nas práticas e fazeres das mulheres quilombolas evidencia um diálogo profundo com os princípios da agroecologia.

A agroecologia é concebida, neste trabalho, sob uma perspectiva feminista, tanto como um campo do conhecimento de natureza multidisciplinar, como uma prática baseada em saberes ancestrais, através de princípios que promovam a sustentabilidade e reconheçam a invisibilização e violência histórica sofrida pelas mulheres (Siliprandi, 2009). As mulheres entrevistadas relataram também sobre o uso de fertilizantes naturais e sobre a importância do agente comunitário rural que é um jovem quilombola, que presta assistência técnica através do financiamento do edital Bahia Produtiva.

O contexto de participação da comunidade a esse edital torna possível o trabalho comunitário. Pois ainda que cada família receba a estrutura e os insumos e tome conta dos seus quintais produtivos, a conquista foi coletiva, assim como todas as decisões inerentes a ela. Aqui a memória coletiva, no Quilombo de Thiagos, desempenha um papel relevante na opção da comunidade por cultivos que fazem parte do trabalho da comunidade ao longo dos anos, cujos saberes¹⁰ são transmitidos pela oralidade. A seguir, trataremos sobre o trabalho dentro do quilombo, com ênfase nas mulheres, articulando com a discussão sobre memória.

Memória e trabalho das mulheres na comunidade

A importância das mulheres e seu papel na consolidação e mesmo na construção da comunidade pesquisada já foi mencionada no apartado anterior, mas vamos analisar de forma mais específica agora na linha de memória sobre o trabalho das mulheres na comunidade e seu significado. Nesse sentido, destacamos que elas sempre estiveram presentes nas produções dos quintais, nas roças do território, ao contrário de muitos homens que saíam e ainda saem para trabalhar em fazendas vizinhas.

No que tange ao trabalho, além do trabalho doméstico e como agricultoras, as entrevistas identificaram ainda as seguintes ocupações: professora, cuidadora de crianças, zeladora, atendente, agente comunitária de saúde, artesã, produtora animal, produtoras de goma e farinha de mandioca e auxiliar de limpeza.

Como citado anteriormente, as mulheres quilombolas destacaram que os homens saem da comunidade para trabalhar, sobretudo nas fazendas vizinhas. E cabe, principalmente, às mulheres o cuidado do lar e a produção nos seus quintais. Uma das entrevistadas relata, contudo, que:

O objetivo da gente, na verdade, é conseguir uma renda própria, sem ele precisar sair para trabalhar, porque ele fica um tempo trabalhando fora, empregado e tal, mas hoje a gente tá tentando ver se a gente consegue tirar essa renda da própria propriedade, né?! A gente sabe que a dificuldade é grande, né?!

¹⁰ Segundo Víctor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015), conhecimento e saber são igualmente formas de crer, reconhecer e significar o mundo. Ainda que seja possível diferenciar conhecimento como baseado em teorias, postulados e leis sobre o mundo e, portanto, supõe-se que seja universal e a sabedoria como baseada na experiência concreta e em crenças compartilhadas pelos indivíduos acerca do mundo (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2015), assumimos no presente trabalho ambos os termos como sinônimos, na medida em que expressam formas de significar o mundo.

Algumas relataram também que tiveram que sair de casa em busca de outras oportunidades. Uma delas relatou que quando ela e o esposo trabalhavam fora, o vínculo com a comunidade permanecia, segundo ela,

Sou moradora, nasci e me criei aqui na comunidade. Fiquei um tempo fora trabalhando, na cidade vizinha, Itambé, né?! [...] mas o ponto de partida e de volta sempre foi a comunidade né?! Sempre tava lá na semana, mas todo final de semana, tava aqui. E sempre participei de todas as atividades, as atividades da igreja né?! Fui catequista na comunidade desde novinha, sempre participei das questões da igreja, em toda a comunidade sempre, sempre estava presente.

Outra mulher entrevistada relatou que,

Morar aqui é muito legal e é bom. Eu gosto de morar aqui. É tanto que eu nem me vejo em outro lugar. Aí eu sempre fui... trabalhei... eu trabalhei 6 anos em uma farmácia, em Ribeirão, ia e voltava. Ia de manhã cedo e voltar de noite, mas não ficava lá, não. E aí, agora eu estou fazendo um curso. Só no sábado.

As falas das mulheres ilustram um importante resultado da pesquisa, que apareceu em todas as entrevistas que é o forte vínculo que as mulheres quilombolas possuem com sua comunidade. Outro resultado, sobre as memórias elaboradas durante as entrevistas, evidencia que embora algumas mulheres do Quilombo tenham se dedicado ao cuidado do lar durante toda a sua vida, a maior parte delas desenvolveu ou ainda desenvolve algum trabalho externo, tal como empregada doméstica, atendente em farmácia, zeladora de escola, cuidadora, agente de saúde, professora etc. Através da compreensão sobre os diferentes trabalhos desenvolvidos, ao longo dos anos, pelas mulheres quilombolas foi possível capturar a materialização do vivido, a memória coletiva.

Como destaca Santos (2021, p. 91),

[...] o trabalho, assumindo o seu legado ontológico, captura a memória como elemento de materialização do que fora vivido. Colocado dessa forma, permite-se infundir, por mais esta menção, a memória como elemento construído das experiências humanas, nascidas no coletivo, no vivido em grupo, em sua base social de constituição, a qual a legitima como instrumento de grande relevância para dar visibilidade ao passado pelas das experiências individuais e, portanto, estabelecendo relação direta entre o passado e o presente.

Outro importante aspecto, identificado nas entrevistas, se refere à divisão sexual do trabalho na comunidade. Todas as mulheres entrevistadas são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com as crianças. Algumas trabalham em atividades de produção nos terrenos de suas famílias, como atuam em trabalhos externos, como os citados anteriormente. Assim, como destacam Grossi, Oliveira e Bitencourt (2018), apesar de atuarem como lideranças nas suas comunidades, as mulheres quilombolas continuam tendo que desempenhar os papéis tradicionais de gênero associados ao cuidado, mais além do seu trabalho da terra, o que contribui para a sobrecarga de trabalho. Além disso, são invisibilizadas nas políticas públicas específicas para as comunidades quilombolas, sendo os interesses voltados para o coletivo e não contemplam as necessidades específicas de gênero atravessadas pela questão racial (Grossi, Oliveira, Bitencourt, 2018).

Ana Elizabeth Alves (2013) destaca que as relações de classe ou relações de sexo / antagonismos de classe ou antagonismos de sexo costumavam ser estudadas de forma separada e é preciso contextualizar de modo inseparável, indissociável, as relações sociais de sexo e de classe. Ainda segundo Alves (2013), a divisão sexual do trabalho é acompanhada de uma hierarquia de poder, que situa os homens no campo produtivo e as mulheres no campo reprodutivo, uma separação que se expandiu no modelo capitalista. A tradição de inferioridade, de subordinação e de desvalorização do trabalho da mulher contribuiu para a sua marginalização nas funções produtivas, permitindo que o capitalismo extraísse o máximo de trabalho excedente, base do enriquecimento dos capitalistas (Alves, 2013).

Segundo Patrícia Grossi, Simone Oliveira e João Bittencourt (2018, p. 9)

A mulher quilombola vivencia suas experiências sociais atravessadas por um modo de produção capitalista que a explora, diante de relações que minimizam seu valor social e reprodutivo (econômico), tal como é subjugada frente às práticas sociais de cunho hierárquico - potencializadas pela subordinação e jurisdição masculina. Ainda, sofre com o sistema político e as crenças que estabelecem a desigualdade entre raças e etnias.

As condições de trabalho entre homens e mulheres são extremamente desiguais e cabe destacar, que as mulheres brancas em geral possuem melhores condições de trabalho que as mulheres negras, assim como existem trabalhos que

são mais predominantemente exercidos por mulheres negras, como o trabalho doméstico remunerado, como destacam Luana Pinheiro e colaboradoras (2019).

Historicamente, as mulheres negras experimentam maior precariedade no mercado de trabalho, marcada por uma remuneração extremamente baixa quando comparada a outros grupos e a uma concentração em determinados setores do mercado e em certas atividades cujos salários e condições de trabalho são inferiores, como destacado por Maria Aparecida Bento (1995). Deste ponto de vista, o sistema de produção capitalista explora economicamente as mulheres, se beneficiando do sistema patriarcal como forma institucionalizada de poder que inferioriza ainda mais as mulheres negras; por uma parte, no tocante aos homens negros e brancos, e, por outra, pelo racismo que as discrimina quando comparadas às mulheres brancas e homens brancos. A seguir, trataremos de uma forma um pouco mais específica sobre o protagonismo e a luta das mulheres quilombolas, concretamente, das atuações e atividades do grupo feminino no Quilombo de Thiagos.

Memória e atuações das mulheres quilombolas

A atuação pública das mulheres frente às lutas sociais ocorre através da sua participação em movimentos em que homens e mulheres se aliam e se organizam para defender, reivindicar e promover novas formas de organização do trabalho e das relações sociais do campo ou quando organizam grupos específicos de mulheres para tratarem de questões inerentes ao público feminino nos movimentos (Oliveira, 2007). Por outro lado, no que se refere às mulheres em geral, sua participação nos movimentos sociais historicamente tem se projetado em uma ampla dificuldade para adentrar os espaços públicos e assumir papéis tidos como exclusivos aos homens e mesmo quando essas barreiras foram rompidas e elas conseguiram penetrar nesses espaços e atuaram, lado a lado com os homens, ainda assim não tiveram suas participações devidamente reconhecidas (Oliveira, 2007).

Partindo dessa premissa, no presente tópico, buscamos compreender, como também dar visibilidade para a atuação social, política e cultural das mulheres do Quilombo de Thiagos, através da memória coletiva, buscando determinar o papel e o significado delas para a comunidade.

A memória reconstruída - através das falas das entrevistadas e análise de documentos -, evidencia que as mulheres da comunidade sempre tiveram um papel muito forte de liderança, a exemplo de sua fundadora. A referência à Ermelina da Silva apareceu em diversos momentos da pesquisa de campo. Ermelina foi descrita como uma mulher muito firme, que atuou como parteira em diversos partos da sua descendência. Aqui cabe destacar o respeito e prestígio que as parteiras possuíam em suas comunidades. “As mulheres parteiras possuíam, frente à comunidade, família e toda a sociedade uma força e reconhecimento de valor, de poder” (Cruz, Radl-Philipp, 2018, p. 81). Contudo, o ato de partejar - que durante séculos - foi considerado uma prática exclusiva das mulheres – nas últimas décadas, foi sendo expropriado enquanto campo de saber e poder feminino, agora considerado de menor valor, quando comparado à visão androcêntrica da ciência (Cruz, Radl-Philipp, 2018).

Ermelina, viúva, permaneceu na convivência com sua descendência por mais de 30 anos após o falecimento de seu esposo. Além de Ermelina, outras três mulheres foram citadas como parteiras: Marcelina, mãe de Tiago e indígena Pataxó; Laudicena, uma das filhas de Ermelina, e Vitalina, avó paterna de uma das entrevistadas. Na atualidade, nenhuma mulher foi apontada como parteira, sendo que os partos geralmente ocorrem em Vitória da Conquista, Itambé ou Ribeirão do Largo, em unidades de saúde.

Cruz e Radl-Philipp (2018, p. 80) destacam que “as memórias e os saberes das parteiras tradicionais são de fundamental importância no resgate da humanização do parto e nascimento em nosso país”. Além da atuação como parteiras, a memória das mulheres do Quilombo de Thiagos evidencia que seu papel de destaque ocorre em diferentes âmbitos da comunidade como na área da saúde, educação, cultura, política e social.

Também na área da saúde, o Quilombo de Thiagos conta com uma Agente Comunitária de Saúde (ACS) que atua na comunidade há mais de 24 anos. Segundo a lei 11.350/2006, o ACS tem como atribuição o exercício de atividades de prevenção de doenças e de promoção da saúde, a partir dos referenciais da Educação Popular em Saúde (Brasil, 2006). A ACS, que possui 47 anos, é bisneta de Ermelina e Tiago e quando perguntada sobre viver na comunidade, ela respondeu que “Ah, eu adoro, minha filha. Nunca pensei em sair daqui. Meus filhos falam ‘vou embora pra São Paulo’. Só que eu não tenho plano, nunca tive”.

O trabalho da ACS envolve visitar as famílias, dando orientação sobre a marcação de exames e de atendimentos no posto de saúde, contribuir nas campanhas de vacinação do Sistema Único de Saúde etc., no município de Ribeirão do Largo. Um trabalho de suma relevância para a comunidade.

Ainda sobre o tema saúde, outra entrevistada relatou que

Quando alguém adocece, que a gente precisa ir até o posto, né, de Ribeirão, já aconteceu várias vezes assim de precisar de uma medicação e no próprio posto não ter, né, na farmácia popular não ter a medicação. A gente tem que comprar né?!

As dificuldades enfrentadas na qualidade do atendimento à saúde não são restritas a essa comunidade. A população negra tem sido objeto de políticas de saúde, tendo em vista as particularidades concernentes às disparidades de suas condições de saúde, tanto do ponto de vista individual como coletivo (Cardoso, Melo, Freitas, 2018). Estudos evidenciam, contudo, desigualdades no acesso à saúde diretamente relacionadas à questão étnico-racial agravando-se em indivíduos de cor de pele preta, parda e indígena (Cardoso, Melo, Freitas, 2018).

Além disso, a ACS destacou que as mulheres cuidam mais da saúde do que os homens, segundo ela “Os homens são muito teimosinhos, só vai naquela última hora mesmo. Não quer procurar o médico, não. Raramente”. Ela explica que essa constatação se dá porque ela está “sempre agendando, tem os programas de saúde. Eu vejo as mulheres mais participativas”. O fato de homens procurarem e acessarem menos os serviços de saúde - mesmo tendo maiores taxas de mortalidade e adoecimento se comparados às mulheres - tem sido identificado em diversas pesquisas na literatura específica e dentre as motivações estão as diferenças dos papéis de gênero presentes no imaginário social, que atribuem o cuidado como próprios do âmbito feminino e demonstrar vulnerabilidade é algo que afronta o ideal de masculinidade (Gomes, Nascimento, Araújo, 2007).

As entrevistas evidenciaram que as mulheres têm um papel de protagonismo na associação. Uma das lideranças da comunidade participa dos conselhos e era a presidente da associação até pouco tempo, e sua participação ainda é muito forte, pois o atual presidente é o seu esposo, e assim muitas das atividades de representação da comunidade ela continua assumindo. Ela também esteve fortemente presente na elaboração e submissão do projeto ao edital do Bahia Produtiva. Como evidencia Dealdina (2020), as mulheres quilombolas têm um papel

de extrema importância nas lutas de resistência, pela manutenção e regularização dos territórios, seja no ambiente urbano ou rural, por manterem viva a memória quilombola, que perpassa a transmissão de saberes no artesanato, na agricultura tradicional, na culinária, na preservação das tradições locais.

A comunidade também realiza atividades de cunho social, como bingos beneficentes, para arrecadação de fundos a fim de ajudar pessoas vinculadas à comunidade em alguma necessidade. Além da associação, o Quilombo de Thiagos também possui uma comunidade católica, que realiza atividades como catequese e reuniões de grupos de oração. Sendo que esta comunidade religiosa também é coordenada por mulheres.

A comunidade ainda desenvolve atividades culturais como a roda de samba e segundo a professora da comunidade “[...] nós criamos o grupo né?! O samba de roda, nós na verdade resgatamos essa cultura, que por um tempo ela ficou, né, parada e tal”. Segundo Graeff (2015, p. 37), “o samba de roda é essencialmente uma roda de dança acompanhada por canto e percussão” que possui sua origem ligada aos povos de África que vieram para o Brasil, como os povos iorubás, gegês, haussás, entre outros, da costa ocidental africana e os banto são da África Central (Graeff, 2015). Assim, é possível verificar que a comunidade do Quilombo de Thiagos não apenas possui práticas culturais que remetem à ancestralidade e cosmologias africanas como existe um esforço da comunidade para construir memórias da comunidade que resgatem tais práticas.

Apesar da relevância, a professora complementa sua fala trazendo uma preocupação:

A gente tá com dificuldade na parte cultural. A gente tem dificuldade de achar assim patrocínio, pessoas que nos ajude nesse sentido... Semana passada mesmo, nos tivemos um ensaio, eu falei: - gente vai acabar, do jeito que está, as pessoas, os meninos dos instrumentos não querem participar...

Nesse sentido, cabe destacar a ineficiência do poder público na elaboração de políticas públicas efetivas para o incentivo à cultura nas comunidades quilombolas. Segundo a entrevistada,

O que nós conseguimos do samba de roda é assim a gente faz um bingo, a gente consegue um prêmio para comprar um tambor, as roupas né das vestimentas a gente mesmo é que faz bingo, que a gente reúne e compra as roupas. Para a percussão mesmo, os

meninos a gente tem vontade de colocar os meninos mais novos para aprender, mas a gente não tem um instrutor, um professor que possa estar fazendo isso. Aula de capoeira também já foi tentado, né, fazer aqui na comunidade. Vir alguém do Largo. Já teve dificuldade até de trazer a pessoa de lá né pra ensinar os meninos aqui. Então, a gente não tem esse apoio para a cultura. Então se a gente, foi o que eu falei na última, no último ensaio, “se a gente não cuidar até o samba vai acabar, vai morrer, né”.

Com os resultados acima expostos, no que se refere especificamente à questão das atuações e atividades das mulheres, destacamos que a comunidade realiza muitas atividades coletivas, como bingo beneficente, roda de samba, grupos de orações nas casas, campanhas de saúde, dentre outras, e as mulheres do quilombo estão sempre à frente, seja a frente das atividades promovidas pela escola (através da professora), seja à frente das atividades políticas culturais (através da liderança comunitária), seja à frente das campanhas de saúde (agente comunitária) ou a frente das atividades religiosas (coordenadora da comunidade católica).

Aqui se entrecruzam atividades e trabalhos referidos ao papel do cuidado tradicional das mulheres, mas também atividades consideráveis públicas políticas culturais. Assim o cuidado não ocorre apenas nos seus lares, mas também a nível comunitário e elas desempenham um papel fundamental para a manutenção da memória coletiva do grupo. As atuações das mulheres na comunidade transpassam a função do rol de gênero tradicional e do cuidado das mulheres no campo doméstico e afetam todos os âmbitos da vida comunitária. Sendo que a memória coletiva articula as mulheres quilombolas em torno da terra, da etnia e do território e a permanência dessas comunidades ocorre sob as tensões que reforçam o modo de vida que (re)constroem (Carril, 2017).

Considerações finais

A memória coletiva sobre o trabalho, as ações e atuações na comunidade -expressas pelas memórias das mulheres quilombolas entrevistadas - em um movimento entre passado e o presente - evidencia que as mulheres apresentam um forte vínculo com um modo de vida comunitário e que elas estão engajadas em defendê-lo. Para tanto, aliam a luta pela terra - no sentido de se organizar para a obtenção da regulação fundiária coletiva do território e na adoção de práticas agroecológicas com projeções públicas sociais- com o fortalecimento da memória

coletiva. O trabalho no quilombo, por sua vez, evidencia aspectos sobre as relações de gênero na comunidade de ruptura com o papel de gênero social tradicional - ao menos em alguns campos das atuações sociais que observamos - e sobre os desafios de políticas públicas direcionadas para as mulheres quilombolas. Mulheres que possuem uma atuação cultural, política e social de extrema relevância para a comunidade, e mais além dela, e, portanto, excedem o que habitualmente é considerada a esfera da (re)produção doméstica.

A pesquisa permitiu compreender que a memória do trabalho evidencia as estratégias de luta, através da organização coletiva e comunitária, e os desafios, em especial do ponto de vista do coletivo feminino, frente ao avanço do sistema de produção capitalista na comunidade que a todo tempo tenta inviabilizar a existência e o modo de ser e trabalhar do quilombo e segue invisibilizando o trabalho das mulheres. A pesquisa pode observar também que a comunidade passa por muitas dificuldades, e o trabalho coletivo das mulheres - segundo as mulheres entrevistadas - que contribui para a gradativa superação delas.

Concluimos, por fim, desta forma, que apreciamos uma intrínseca relação entre memória e trabalho no Quilombo de Thiagos e as atuações das mulheres quilombolas estão fortemente relacionadas à luta pela terra e defesa do modo de vida na comunidade.

Referências

ADORNO. T. Zur Logik der Sozialwissenschaften. In: ADORNO, Theodor et al. **Der Positivismusstreit in der Deutschen Soziologie**. Neuwied: Luchterhand, p. 103-124, 1969. Em espanhol: Sobre la lógica de las Ciencias Sociales, em: Adorno e otros. **La disputa del positivismo en la Sociología Alemana**, Barcelona: Grijalbo, 1973.

ALMEIDA, C. P. de. Sementes crioulas, da ancestralidade para a atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe. In: DEALDINA, Selma dos Santos. (org). **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Cerneiro: Jandaíra, p. 145-156, 2020.

ALTHUSSER, L. **La revolución teórica de Marx**. Siglo XXI, México, 1968.

ALVES, A. E. S. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, n.2, mai/ago, p. 271-289, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000200002 Acesso em 15 de julho de 2021.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação-participante**. São Paulo: Artmed, 2009.

BAHIA. **Projeto Bahia Produtiva**, edital de chamada pública nº 011/2018, seleção de subprojetos socioambientais para comunidades quilombolas. Disponível em: <http://www.car.ba.gov.br/sites/default/files/2018-03/Anexo%2001%20-%20Edital%20011.2018.pdf>. Acesso em 07 de junho de 2023.

BENTO, M. A. S. Mulher negra no mercado de trabalho. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 479-488, 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/10/16466-50750-1-PB.pdf>. Acesso em 17 de dezembro de 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.350**, de 5 de outubro de 2006. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11350-5-outubro-2006-545707-norma-pl.html>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

BRÁZ, C. A. **Agricultura familiar quilombola no Litoral Médio gaúcho: possibilidades em tempos de estreitamento**. 2021. 190f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230398>. Acesso em 10 de junho de 2023.

CARDOSO, C. S.; MELO, L. O. de; FREITAS, D. A. Condições de saúde nas comunidades quilombolas. **Revista de Enfermagem UFPE**, on line, v. 12, n. 4, p. 1037-1045, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110258>. Acesso em 10 de agosto de 2023.

CARRIL, L. de F. B. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 539-564, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/L9vwwgCcgBY6sF4KwMpdYcfK/>. Acesso em 20 de julho de 2023.

COSTA, A. C. E. da. **Quilombo Amaros de Paracatu**. Belo Horizonte: FAFICH, Coleção Terras de Quilombos, 2015. Disponível em: http://www.incra.gov.br/memoria_quilombola/#_a2015. Acesso em 19 de julho de 2022.

CRUZ, Z. V.; RADL-PHILIPP, R. Parteiras tradicionais – Memórias subestimadas. In: RADL-PHILIPP, Rita; ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Memoria, Género y Educación: Investigaciones y cuestiones epistemológicas**. Universidad de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico: Santiago de Compostela, 2018.

DEALDINA, S. dos S. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. In: _____ (org). **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Cerneiro: Jandaíra, p. 26-44, 2020.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação Quilombola**. Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 20/01/2022. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551. Acesso em 26 de fevereiro de 2023.

GOMES, R; NASCIMENTO, E. F. do; ARAÚJO, F. C. de. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 3, p. 565-574, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/v23n3/15.pdf>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

GRAEFF, N. **Os ritmos da roda**: tradição e transformação no samba de roda. Salvador: EDUFBA, 2015.

GROSSI, P. K; OLIVEIRA, S. B. de; BITENCOURT, J. V. Mulheres quilombolas e divisão sexual do trabalho na sociedade contemporânea. In: **Anais do VI Encontro Internacional e XIII Encontro Nacional de Política Social**: Duzentos anos depois: a atualidade de Karl Marx para pensar a crise do capitalismo. Vitória, Espírito Santo, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/einps/article/view/20034>. Acesso em 20 de dezembro de 2022.

HABERMAS, J. **Erkenntnis und Interesse**, Suhrkamp: Frankfurt, 1975.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022. **Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios**. Publicado em 27 de julho de 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

JOHNSON, R. B; CHRISTENSEN, L. **Educational research**: Quantitative, qualitative, and mixed approaches. SAGE Publications, Incorporated, 2019.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2ed., 2017.

MEDEIROS, R. H. Memória compartilhada e história: entre alienação e ideologia. 2015. 136f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) - UESB, Vitória da Conquista. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Tese-Ruy-Medeiros.pdf>. Acesso em 07 de junho de 2023.

OLIVEIRA, D. Da invisibilidade na memória das lutas sociais ao protagonismo histórico das mulheres no campo. **Libertas**, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18219>. Acesso em julho de 2023.

OLIVEIRA, F. B; D'ABADIA, M. I. V. Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. **Elisée, Rev. Geo, UEG-Anapólis**, v. 4, n. 2, p. 257-275, 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3712>. Acesso em 06 de junho de 2023.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 24 de março de 2023.

PINHEIRO, L; LIRA, F; REZENDE, M; FONTOURA, N. **Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI**: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. 2528 - Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2019. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf. Acesso em 09 de janeiro de 2023.

RADL-PHILIPP, R. La educación como interacción simbólica. **Revista de Educación**, n. 145, 1991, p. 7-15.

RADL-PHILIPP, R. **Sociología Crítica: Perspectivas Actuales**, Madrid: Síntesis, 1996.

RADL-PHILIPP, R. Questões epistemológicas sobre gênero: o debate atual. **Revista de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas a Linguagem**. Ponta Grossa: UEPG, n. 16, p. 9-20, jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/613>. Acesso em 20 de julho de 2021.

RADL-PHILIPP, R; MARTINEZ- RADL, F. Memória e ações comunicativas. Uma visão teórica comunicativa interacionista da teoria sociológica de Halbwachs. In: RADL-PHILIPP, Rita; ALVES SANTOS, Ana Elizabeth. **Memoria, género y educación**: investigaciones y cuestiones epistemológicas. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2018, p. 31-46.

RIBEIRO, T. S; RADL-PHILIPP, R. A memória do trabalho das mulheres no espaço privado: uma abordagem teórica. In: **Anais do Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 12, n. 1, p. 2211-2215, 2017. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/view/7128>. Acesso em 31 de junho de 2023.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. Tradução Daysi Vaz de Moraes. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. de J; SANTOS, C. E. F. dos. A memória e as classes sociais. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 12, n. 1, p. 333-341, 2023. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/1246>. Acesso em 31 de julho de 2023.

SANTOS, H. R. dos; FERREIRA, A. T. R; MOREIRA, G. E. Território e territorialidade quilombola: uma análise socioetnocultural da produção de alimentos e das festas, folias e rezas. **História em Revista**, v. 29, n. 1, p. 114-137, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/25802>. Acesso em 22 de abril de 2024.

SANTOS, M. O. **Memórias do trabalho familiar em casas de farinha: transformação dos modos de vida de homens e mulheres do campo**. 2021. 241f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – UESB, Vitória da Conquista. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2021/06/Tese-de-Marisa-Oliveira-Santos-1.pdf>. Acesso em 21 de julho de 2023.

SANTOS, V. P. dos. Quilombo Pau D'arco e Parateca: quando as vozes negras se re(envolvem na construção de caminhos para a participação coletiva. In: DEALDINA, Selma dos Santos. (org). **Mulheres Quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, p. 129-144, 2020.

SÈVE, L. **Marxismo y teoría de la personalidad**. Amorrortur, Buenos Aires, 1975.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia**: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. 291f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - UNB, Brasília.

SILVA, G. M. da. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, p. 51-58, 2020.

SILVA, S. R. da. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: LOMBA, Roni Mayer; RANGEL, Katia de Souza; SILVA, Geovane Grangeiro da; SILVA, Marcelo Gonçalves da (org.). **Conflito, territorialidade e desenvolvimento**: algumas reflexões sobre o campo amapaense. Dourados, MS: Editora UFGD, 2014.

TOLEDO, V. M; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Tradução Rosa Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.